

V!RUS

Sistema.System | Revista do Nomads.usp - Nomads.usp journal - issn 2175-974x | sem 01-10

dasgarAgens

Júlia Saldanha Aguiar, Douglas Aguiar

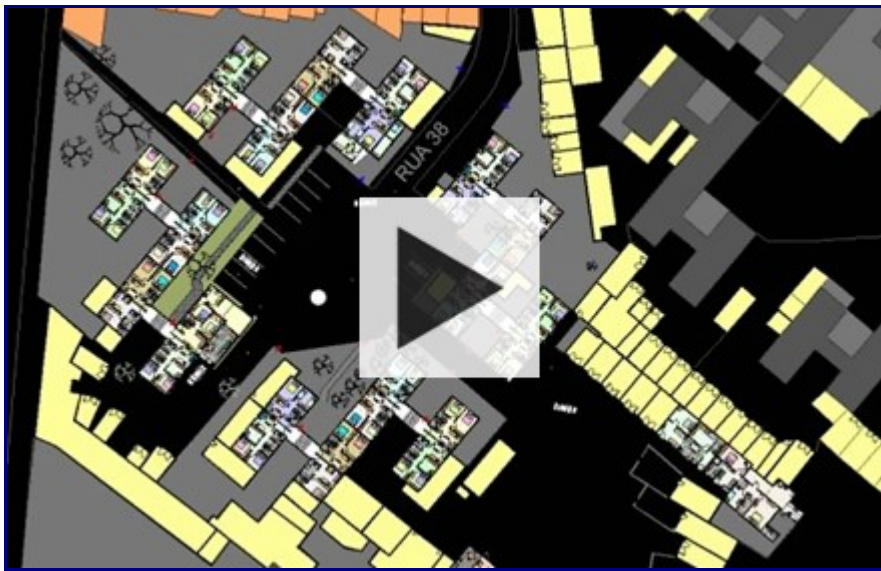
Julia Saldanha Aguiar é Jornalista. Participa do Grupo de Estudos da Espacialidade Contemporânea, do PROPAR-UFRGS, e faz parte do Coletivo Catarse.

Douglas Aguiar é Arquiteto, Doutor em Arquitetura, coordena o Grupo de Estudos da Espacialidade Contemporânea, do PROPAR-UFRGS, da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

COMO CITAR ESSE TEXTO: AGUIAR, J. S., AGUIAR, D., **dasgarAgens**. In VIRUS. N. 3. São Carlos: Nomads.usp, 2010. Disponível em:

<http://www.nomads.usp.br/virus/virus03/submitted/layout.php?item=4&lang=pt>.

Acessado em: DD/MM/AAAA



dasgarAgens é um documentário sobre a espacialidade da periferia urbana. O filme explora o modo como as pessoas se apropriam desse espaço e como essas ações individuais virão a compor informalmente um outro espaço, imprevisto e radicalmente distinto daquele originalmente construído. A técnica utilizada no filme mostra, de modo articulado, a câmera em route e imagens em planta, compondo, assim, uma descrição da dimensão sistêmica da cidade. A cidade é entendida como um sistema espacial, uma gigantesca rede de percursos articulados onde mesmo as mais sutis modificações tendem a afetar de modo radical a vida das pessoas.

O filme aborda o processo de favelização de um conjunto habitacional de grande porte, grande a ponto de constituir ele próprio um bairro da cidade. O filme mostra o modo como esse processo de favelização, senso comum algo negativo, se converte, naquele local, em oportunidade e moto-propulsor de uma espetacular transformação espacial, social e econômica ocorrida ao longo de duas décadas. O cenário é a cohab Rubem Berta, situada na zona norte de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

dasgarAgens é um relato sócio-espacial. Ele mostra pessoas, os habitantes da cohab, suas trajetórias, seu momento e suas perspectivas, e mostra essa matéria social de um modo visceralmente atado ao manejo do espaço pelos moradores. Nessa linha, dasgarAgens é um tributo à capacidade de auto-organização das pessoas e espaços. A cohab Rubem Berta, como é conhecido o lugar, resultaria originalmente, se sua construção tivesse sido levada a termo conforme o planejado, na típica habitação social produzida em série, com tudo e todos em posicionamentos precisamente definidos: moradias aqui, espaços comerciais ali, espaços de circulação, espaços de lazer, tudo ajeitado ao modo da Carta de Atenas, documento central na cartilha do urbanismo modernista.

O Rubem Berta, no entanto, jamais viria a concretizar esse ideal. A falência da empreiteira deixou por alguns anos os prédios inacabados e abandonados, a ponto de acabarem sendo invadidos. A invasão foi um movimento organizado, envolvendo pessoas de diferentes origens, rurais e urbanas. De lá para cá, de um início de vida conturbado, a cohab Rubem Berta foi sendo colonizada, desenvolveu-se e converteu-se em uma situação exemplar da contracultura urbana contemporânea.

Ainda que o lugar tenha sido planejado de modo a abrigar uma ordem pré-estabelecida, aconteceram ali, na origem, situações espaciais que vieram a oportunizar a realização espontânea das mais variadas ações individuais no espaço, que vieram a produzir, em conjunto, uma transformação espacial contínua e diuturna naquele lugar, na aparência e, sobretudo, em sua lógica espacial. Por um lado, seu espaço público é, na origem, precariamente definido. Os blocos de apartamentos foram distribuídos de modo peculiar,

com agrupamentos de edificações dispostas ao redor de grandes espaços aproximadamente circulares, grandes pátios que se repetiam por toda a área. Dessa configuração espacial resultaria que as interfaces entre os diferentes agrupamentos de edificações vieram a tornar-se espaços residuais, que foram sendo, metro a metro, ocupados em uma situação à primeira vista sem lei e sem ordem.

Nesse contexto, as edificações originalmente previstas como garagens emergem como célula-mater na metamorfose espacial mostrada no documentário. Esses espaços foram inicialmente ocupados por moradores que negociaram seus próprios apartamentos e que viram ali um novo mundo de possibilidades de manejo espacial e de melhoria de vida, especialmente se comparadas às possibilidades de modificação dos apartamentos originais.

Nesse processo, as garagens foram se transformando em moradias, comércios, negócios, locais de culto e tudo o mais que se quisesse. O improvisado ampliou-se também nos apartamentos térreos, que tiveram garagens adicionadas, e que se converteram em cozinhas, varandas, etc.. Com o passar do tempo, esses aumentos passam a acontecer de modo acelerado e, oportuno notar, passam a estabelecer uma nova ordem espacial, distinta daquela ordem inicial nitidamente geométrica, tão perceptível em planta. Essa nova ordem decorre simplesmente de dois fatores vindos da prática urbana: as demandas de ampliação do espaço individual combinadas com a necessidade, freqüentemente antagônica, de preservar, ou estender, ou limitar, ou eliminar acessos. O resultado é surpreendente. Essa nova ordem, predominantemente topológica, foi sendo paulatinamente homologada pela população, fazendo hoje parte do inconsciente coletivo: a lógica espacial do labirinto.

A clareza aparente da planta original, onde um fundo sem forma definida é assolado por um padrão preciso de formas geométricas, é substituída por uma configuração complexa onde a figura foi se tornando mais e mais indefinida e o fundo vai assumindo uma definição clara na continuidade dos percursos espontaneamente gerados a partir da pura necessidade de acessibilidade às diferentes partes do conjunto. A acessibilidade irrestrita da distribuição espacial original foi substituída por um padrão espacial onde uma malha labiríntica começa a ser vislumbrada. A pressão do senso comum vai passo a passo tomando conta e deformando o que resta de uma ordem conceitual inviável, na prática. O lugar caminha rápida e consistentemente para tornar-se uma porção autêntica da cultura urbana do nosso tempo, com todos os problemas, contradições e, por que não, qualidades inerentes a essa condição.

dasgarAgens é um relato desse processo. Um relato espacial dado através da ação do morador, um relato de solidariedades, ambições, desavenças, perseverança e alegrias. O depoimento dos moradores e a visualização dos temas espaciais relacionados acontece em paralelo. O filme, além da sua função natural de entretenimento, tem a ambição – pode-se dizer cultural – de mostrar ao público em geral um cenário inusitado e cheio de vida social e econômica existente na cidade de Porto Alegre, debaixo dos nossos narizes, surgido através da ação espontânea da população a partir de um espaço idealmente planejado. Fica aí, naturalmente, um alerta vermelho aos planejadores.